A CRISE DOS FRIGORÍFICOS

Coletânea artigos críticos

Paulo Timm – org. março 2017

Indice

1. **A farsa do agronegócio "brasileiro" - recebi e passo adiante.**
   Triste realidade, comentário perfeito.
2. **ONDE ESTÁ A BURGUESIA BRASILEIRA?, QUESTIONA PROFESSOR IGOR FUSER**
3. **Punir corruptos é uma coisa. Arruinar a economia e quebrar empresas, outra – Robson Savio Reis**
4. **Desabafo – Marcos Terena**
5. **A Carne Fraca e o reino dos imbecis – Luis Nassif**

6.Como a JBS e outras empresas de carnes se aliaram

ao estado para lesar milhões de brasileiros

Cristine Nicolau

7.JBS e BRF Foods produzem carne podre com dinheiro público

Vicente Nunes

8.ÓLEO E GÁS, CONSTRUÇÃO E, AGORA, CARNES. O QUE VAI SOBRAR NO BRASIL?

9. SOBRE O ESCANDALO DA CARNE. CONSIDERAÇÕES -

Rafael Bicca Machado

10.Tyson Foods prepara plano para avançar no Brasil

11.Oligopólio da carne brasileira é alvo da CIA-...

Cesar Fonseca

12.Louvem porras-loucas da PF, MPF e Judiciário, e o Haiti será aqui

Reinaldo Azevedo

13.A VERDADE SOBRE AS OPERAÇÕES DA POLÍCIA FEDERAL –

Visão de um jovem brasileiro

*

1.A farsa do agronegócio "brasileiro" - recebi e passo adiante. Triste realidade, comentário perfeito.

"CARLOS WILLIAM NASCIMENTO CAMPO MOURÃO - PR 13/03/2017 13:28

Tanto falaram de super safra que o preço da soja por aqui virou tragédia. Não estamos vendendo soja, estamos doando. R$ 60,00 a saca hoje. Uma tragédia. Não venham falar que a economia está dando sinais de recuperação porque as feiras estão vendendo mais máquinas. Prestem atenção. As revendas ligam pra todo mundo que conhecem, perguntando se aquele cliente tem idéia de comprar alguma máquina ou implemento, mesmo que só tenha uma remota intenção. Então dizem que vão protocolar o pedido naquela feira, porque os juros vão subir, ou os preços vão subir, ou isso o aquilo. Fazem o pedido sem compromisso, e o agricultor pode cancelar quando quiser. Cansei de ter pedido protocolado na Expodireto, em Esteio, no Agrishow, etc... e depois cancelar. Então este oba oba de

vendas não é a realidade. serve muito bem para fazer propaganda das marcas e da feira. "Tal feira quebrou todos os recordes de vendas". Daí ano que vem o metro quadrado do estande fica mais caro. A realidade é bem mais dura. Mesmo com safra boa, agricultor está desanimado. O preço da semente já saiu e veio de 10 a 20% mais caro que ano passado. As porcarias de inseticidas e fungicidas estão caros e o pior, não funcionam. Aqui no Brasil gastamos R$ 45,00 por hectare por aplicação para controlar percevejo, pra não controlar. Dizem que no Paraguai uma aplicação custa R$ 12,00 por hectare e detona os percevejos. E não venham com a lenga lenga de ser produto não registrado no Brasil. O principio ativo é o mesmo. Pelo amor de Deus, parem de falar em produtividade e falem de rentabilidade. Agricultor quer dinheiro pra pagar contas. Não quer ser herói que alimenta o mundo ou salva o planeta. Não queremos que puxem nosso saco. Vocês da midia , que só repetem o mantra da super safra tem parte da culpa. Será que existe mesmo a super safra? Lembram do milho em 2016? Era pra ter estoque, mas na hora que precisou dele não existia. O produtor de soja é o único que está com a água no queixo. O resto está afundado. Ficam brincando de sermos super potência em alimentos e precisamos importar leite, arroz, feijão, café, milho, cacau, trigo. Parem com essa besteira. Chega de passar vergonha. 7X1 já foi suficiente

www.desenvolvimentistas.com.br

2.ONDE ESTÁ A BURGUESIA BRASILEIRA?, QUESTIONA PROFESSOR IGOR FUSER

"Quando surgiu a oportunidade, a burguesia agiu em bloco para golpear a democracia. E não se verifica no seio da burguesia brasileira o menor sinal de arrependimento, a menor intenção de alterar o rumo do retrocesso em curso. Alguém ousaria, nesse cenário, profetizar a reconstituição da “frente neodesenvolvimentista”? Difícil. “Queremos o nosso país de volta”, gritavam, nas ruas. Agora o têm, espero que não por muito tempo. Dessa gente, nada de bom se pode esperar", analisa o professor Igor Fuser

11 DE MARÇO DE 2017 ÀS 19:19 // 247 NO TELEGRAM // 247 NO YOUTUBE

Por Igor Fuser,

O golpe de estado de 17 de abril de 2016 atropelou as ilusões de quem acreditava nas virtudes infinitas da política de conciliação de classes – a ideia de que seria possível superar o apartheid social e o subdesenvolvimento no Brasil sem confronto com as elites dominantes, mas apenas por meio do crescimento da economia. No pós-golpe, essas mesmas elites demonstram plena convicção de que agiram corretamente, em defesa dos seus interesses.

Tal como ocorreu em tragédias históricas anteriores, como o golpe de 1964, o campo progressista discutirá ainda por muito tempo os fatores e as circunstâncias da derrubada de Dilma Rousseff, a começar pelos motivos da espantosa passividade das camadas mais pobres da população, as mais beneficiadas pelos governos liderados pelo PT.

Outro traço marcante no golpe de 2016 – tema da presente coluna – é o alto grau de coesão que as classes dominantes demonstraram na agressiva ofensiva contra o governo legítimo.

Com a óbvia exceção dos empreiteiros da engenharia pesada, enrolados na Operação Lava Jato (que claramente inclui entre seus objetivos a destruição desse setor estratégico da economia nacional), o que se viu na mobilização golpista foi um verdadeiro quem-é-quem da burguesia brasileira.

Lá estavam, unidos pelo “fora Dilma”, os banqueiros, os barões do agronegócio, os magnatas da mídia, os caciques da indústria brasileira remanescente, a fina flor do “PIB” nacional de mãos dadas com os grupelhos fascistas, os políticos picaretas e os pit bulls do Judiciário. Não faltou nem mesmo a rede de lanchonetes Habib’s, hoje tristemente famosa pela morte de um menino numa de suas lojas, que deu um desconto especial aos clientes que comparecessem aos atos pró-impeachment.

Na vanguarda, para eliminar eventuais dúvidas sobre os interesses de classe em jogo, marchava o patético pato da Fiesp. Justamente a Fiesp, aquela mesma entidade que, tradicionalmente, é vista como principal porta-voz de uma burguesia brasileira, “interna” como dizem alguns teóricos. Por esse termo se costuma designar um segmento da classe dominante supostamente autônomo e portador de interesses próprios, contraditórios (dizem) com as

preferências do imperialismo estadunidense e dos seus aliados no país.

De acordo com essa teoria, que não se confunde com a fé ingênua da cúpula ex-governista na conciliação de classes, as gestões presidenciais de Lula e Dilma seriam a expressão política de uma "frente neodesenvolvimentista", articulada em torno de uma "grande burguesia interna" que estaria gerindo o país em aliança com a classe trabalhadora e em conflito com uma chamada "burguesia associada", neoliberal e pró-imperialista.

Enquanto o primeiro grupo burguês teria o foco dos seus interesses voltado para o mercado interno e a expansão produtiva, o segundo grupo agiria a serviço dos interesses externos, do bloqueio a qualquer tipo de desenvolvimento autônomo.

A "grande burguesia interna" incluiria os maiores grupos econômicos de capital nacional em todas as áreas, desde o agronegócio até empresas financeiras como o Bradesco e o Itaú, gigantes empresariais como a JBS Friboi, a Votorantim, a Ambev, a Gerdau e a Vale, os grandes grupos de ensino e saúde privados, além, é claro, dos colossos da construção civil – Odebrecht & cia. (OBS: serão brasileiros os grupos grifados, em amarelo?)

Essas e outras empresas, favorecidas com linhas de crédito e todo tipo de apoio oficial, amealharam, de fato, lucros fabulosos no ciclo de governos progressistas. Porém em momento algum mostraram qualquer compromisso ou apoio ativo ao projeto político liderado pelo PT. Aceitaram todas as benesses, pressionaram (em geral, com sucesso) por vantagens setoriais aqui e ali. Mas no campo político se limitaram, nos melhores casos, a tolerar os governos "de esquerda" como uma extravagância temporária numa trajetória histórica de cinco séculos de poder irrestrito da elite dominante.

Houve quem encarasse essa postura pragmática como expressão de uma sólida aliança de classes, o que explicaria a relativa estabilidade política naquele período, apesar da permanente campanha midiática anti-PT e anti-governo.

Quando surgiu a oportunidade, a burguesia agiu em bloco para golpear a democracia. Se alguém ainda tem alguma dúvida, recomendo que leia a bela reportagem da jornalista Aline Maciel, da Agência Pública, sobre o envolvimento ativo das entidades

representativas da indústria brasileira, em nível nacional e nos estados mais importantes, para pressionar os parlamentares indecisos nas vésperas da votação na Câmara dos Deputados (25/08/2016).

Muita coisa aconteceu nos onze meses que se passaram depois daquele dia de infâmia. Ministros do desgoverno golpista caíram e foram trocados em meio a denúncias de corrupção. Um deles chegou a comparar o núcleo do poder político em Brasília a uma suruba. A economia mergulhou de vez na recessão. A soberania nacional está sendo desmantelada e a imensa riqueza do pré-sal entregue de bandeja às empresas estrangeiras.

E não se verifica no seio da burguesia brasileira o menor sinal de arrependimento, a menor intenção de alterar o rumo do retrocesso em curso. Alguém ousaria, nesse cenário, profetizar a reconstituição da “frente neodesenvolvimentista”? Difícil.

De concreto, o que se vê nos meios empresariais, além do entusiasmo pela destruição de direitos trabalhistas, pelo desmonte da previdência pública e pelo congelamento dos investimentos sociais, são, no máximo, queixas pontuais, sem maior relevância no cenário político.

A mesma Fiesp que liderou as multidões de verde-amarelo na Avenida Paulista agora reclama do desmonte das políticas de “conteúdo local” na exploração do pré-sal. Mas sua insatisfação fica por aí mesmo, sem qualquer desdobramento prático, sem ao menos a intenção de inserir esse assunto na agenda política geral (quem quiser conferir, olhe o site da entidade).

A burguesia, como classe, vê os seus interesses essenciais contemplados pelo retrocesso histórico que o governo golpista tenta impor à sociedade brasileira. Nunca teve interesse genuíno no projeto (neo) desenvolvimentista defendido pelo PT, por setores da burocracia estatal e sindical e por alguns intelectuais independentes, como Luiz Carlos Bresser-Pereira.

Desde sua ascensão à classe dirigente, na primeira metade do século 20, a burguesia brasileira tem clara consciência de que seu futuro está associado à dominação imperialista e à inserção numa ordem mundial capitalista sob hegemonia dos EUA.

Os burgueses brasileiros – isto está no seu DNA – desconfiam dos projetos de desenvolvimento nacional porque sentem que esse caminho os levaria a se marginalizar do sistema imperialista ao qual associam sua existência e seu futuro. Odeiam os trabalhadores, desprezam os pobres e têm dificuldade até mesmo em assumir plenamente uma identidade nacional brasileira.

“Queremos o nosso país de volta”, gritavam, nas ruas. Agora o têm, espero que não por muito tempo. Dessa gente, nada de bom se pode esperar.

--
Notícias, Informações e Debates sobre o Desenvolvimento do Brasil:

www.desenvolvimentistas.com.br

3.Punir corruptos é uma coisa. Arruinar a economia e quebrar empresas, outra

ROBSON SAVIO REIS SOUZA
Doutor em Ciências Sociais, professor universitário e membro da Comissão da Verdade de MG

Pensando bem... podemos suspeitar que agentes a serviço dos Estados Unidos na PF e no Ministério Público Federal primeiro trataram de quebrar a indústria do petróleo (e gás) e toda a sua cadeia produtiva e de alta empregabilidade, com a desculpa esfarrapada que estavam apurando corrupção na Petrobrás.

Depois, com a falácia que apuravam desvios ilícitos nos financiamentos de campanha eleitoral, quebraram as indústrias da construção pesada e naval.

Agora, resolveram quebrar a indústria da carne, uma das indústrias mais competitivas do país.

É importante esclarecer que a formação bruta de capital (indústria pesada) juntamente com o aumento do consumo das famílias (programas sociais, distribuição de renda) são as bases da expansão da economia capitalista.

Recentemente, técnicos do Banco Mundial, referindo-se ao que ocorre ultimamente no Brasil, disseram que nunca viram a desmontagem de políticas públicas que melhoravam a economia e a vida das pessoas pelo governo atual.
Como se não bastasse, simultaneamente, setores da juristocracia (no MP e na PF) tratam de desmontar as empresas.

Nos EEUU há inúmeros processos de desvios e corrupção na indústria bélica, sem destruição dessas empresas que são a base da economia norte-americana.

Noutra frente, a juristocracia (com a participação de juízes e tribunais superiores) destroem a política.

E a mídia oligopolizada trata de fazer o serviço sujo de manipular e selecionar o que deve ser divulgado e desmobilizar as reações populares.

Há mais um elemento a corroborar a suspeita de sabotagem à indústria nacional: segundo o ministério da agricultura, as denúncias envolvendo o setor de produção de carne já têm mais de sete anos. Por que, então, somente agora e neste contexto político marcado pelo desmonte de vários segmentos nacionais foi deflagrada a megaoperação policial?

É verdade que corrupção, o desvio de recursos públicos, as barbaridades que levam risco ao consumidor precisam ser apurados e extirpados das práticas criminosas desse capitalismo que mata.

Mas, uma coisa é apurar a participação de pessoas físicas em esquemas fraudulentos e puni-las nos limites da lei. Outra coisa, é transformar operações policiais em panfletagem midiática direcionada a acabar com o nome e a reputação das empresas, o que pode destruí-las. E, assim, destruir também uma das bases da economia.

Os empresários americanos, da UE e os chineses agradecem a camarilha golpista e seus sócios na juristocracia.

DESABAFO

Marcos Terena

Em 11 anos, a JBS recebeu R$ 12,8 bilhões em empréstimos do BNDES. Leia-se: foi a segunda empresa a mais receber subsídio público nesse período no país.

Não obstante, a mesma JBS foi a maior doadora de campanha nas eleições de 2014: investiu R$ 366 milhões na nossa "democracia".

E não pense que ela se importa muito com coerência. A JBS foi a empresa que mais doou para Dilma e a empresa que mais doou para Aécio. Só na Câmara, o investimento do grupo foi de R$ 61,2 milhões para 161 deputados federais eleitos - o que é o mesmo que dizer que dos 28 partidos que conseguiram eleger algum deputado federal nesse país nas últimas eleições, 21 receberam recursos da empresa.

Talvez você nunca tenha ouvido falar nessa história, mas o nome que se dá a isso é capitalismo de compadrio. E ele acontece sempre que nós partimos do pressuposto inocente que cabe ao Estado - leia-se: à classe política - controlar o mercado.

A JBS é um resultado direto dessa ideia, nascida no ventre da política de campeões nacionais. O grupo é um mix público-privado (o BNDESPar chegou a ser dono de 33,4% das ações da empresa; a Caixa Econômica Federal já teve outros 10,06%) que distorce não apenas os resultados eleitorais, como muda radicalmente as suas relações com a gôndola do supermercado. A Brasil Foods joga no mesmo time e só foi possível graças ao patrocínio do BNDES na fusão entre Perdigão e Sadia.

Não é de se estranhar que agora tenhamos descoberto que passamos os últimos anos comendo carne estragada. Nós decidimos que cabe ao Estado controlar até o nosso churrasco. E financiamos diretamente todo esse esquema - não sem receber um calote de pelo menos R$ 848 milhões da JBS nesse período. Até os fiscais agropecuários estavam tramando contra a gente.

Dureza? De tudo, ao menos sobra uma lição: todo inimigo do livre mercado é um lobista a serviço dos grandes empresários, um sindicalista de um grupo seleto de patrões, um militante de uma dúzia de industriais com livre trânsito em Brasília. E o pior: a maior parte deles ainda sequer sabe disso, preocupados demais em supostamente defender os interesses dos trabalhadores ignorando como funcionam os incentivos econômicos.

As consequências agora são previsíveis. Nós fechamos o mercado para que um número restrito de políticos e empresários pudessem

ditar os rumos daquilo que você coloca no seu congelador. Não havia como dar certo. Enquanto você comia carne com papelão, jurando que estava protegido por toda essa turma, esses mesmos caras se empanturravam com parrilla argentina em restaurantes de grife bolando a melhor maneira de ferrar com o seu encontro familiar de domingo. E o pior, bancados com o seu dinheiro.

Como as manchetes de hoje indicam, não importa quantos Tony Ramos nos digam o contrário: o antiliberalismo não apenas é incapaz de oferecer almoço grátis, ele definitivamente também não tem a menor ideia de como estocar carne de boa procedência nos nossos congeladores..Marcos Terena

5.A Carne Fraca e o reino dos imbecis

A Carne Fraca e o reino dos imbecis
http://jornalggn.com.br/noticia/a-carne-fraca-e-o-reino-dos-imbecis#.WM2xOaFvwf4.twitter

SAB, 18/03/2017 - 19:12
ATUALIZADO EM 18/03/2017 - 19:41

Luis Nassif

A Operação Carne Fraca, da Polícia Federal, traz uma comprovação básica: o nível de emburrecimento nacional é invencível. O senso comum definitivamente se impôs nas discussões públicas. E não se trata apenas da atoarda que vem do Twitter e das redes sociais. O assustador é que órgãos centrais da República – como o Ministério Público, a Polícia Federal, o Judiciário – tornaram-se reféns do primarismo analítico.

Como é possível que concursos disputadíssimos tenham resultado em corporações tão obtusamente desinformadas, a ponto de não ter a menor sensibilidade para o chamado interesse nacional. Não estou julgando individualmente delegados ou procuradores. Conheço alguns de alto nível. Me refiro ao comportamento dessas forças enquanto corporação.

Tome-se o caso da Operação Carne Fraca.

A denúncia chegou há dois anos na ABIN (Agência Brasileira de Inteligência). O delator informou que a Secretaria de Vigilância Sanitária no Paraná tinha sido loteada para o PMDB. Levantaram-se provas de ilícitos em alguns frigoríficos.

Por outro lado, há uma guerra fitossanitária em nível global, em torno das exportações de alimentos. Se os delegados da Carne Seca não fossem tão obtusos, avaliariam as consequências desse bate-bumbo e tratariam de atuar reservadamente, desmantelando a quadrilha, prendendo os culpados.

Mas, não. O bate-bumbo criou uma enorme vulnerabilidade para toda a carne exportada pelo país. Os anos de esforços gerais para livrar o país da aftosa, conquistar novos mercados, abrir espaço para as exportações ficaram comprometidos pelo exibicionismo irresponsável desse pessoal.

Ou seja, havia duas formas de se atingir os mesmos resultados:

1. Uma investigação rápida, discreta e sigilosa.

2. O bate-bumbo de criar a maior operação da história, afim de satisfazer os jogos de poder interno da PF.

As duas levariam ao mesmo resultado e a primeira impediria o país de ter prejuízos gigantescos, que pudessem afetar a vida de milhares de fornecedores, o emprego de milhares de trabalhadores, a receita fiscal dos impostos que deixarão de ser pagos pela

redução das vendas – e que garantem o salário do Brasil improdutivo, de procuradores e delegados.

Qual das duas estratégias seria mais benéfica para o país? A primeira, evidentemente.

No entanto, o pensamento monofásico que acomete o país, não apenas entre palpiteiros de rede social, mas entre delegados de polícia, procuradores da República, jornalistas imbecilizados é resumido na frase-padrão de Twitter: se você está criticando a Carne Fraca, então você é a favor de vender carne podre.

Podre se tornou a inteligência nacional quando perdeu o controle de duas corporações de Estado – MPF e PF – permitindo que fossem subjugadas pelo senso comum mais comezinho. E criou uma geração pusilânime de donos de veículos de mídia, incapazes de trazer um mínimo de racionalidade a essa barafunda, permitindo o desmonte do país pela incapacidade de afrontar o senso comum de seus leitores.

Veja bem, não se está falando de capacidade analítica de entender os jogos internacionais de poder, a geopolítica, o interesse nacional, as sutilezas dos sistemas de apoio às empresas nacionais. A questão em jogo é muito mais simples: é saber discernir entre uma operação discreta e outra que afeta a imagem do Brasil no comércio mundial.

No entanto, essa imbecilidade, de que a destruição das empresas brasileiras contaminadas pela corrupção, permitirá que viceje uma economia mais saudável, é recorrente nesse reino dos imbecis. E se descobre que a estultice da massa é compartilhada até por altos funcionários públicos, regiamente remunerados, que se vangloriam de cursos e mais cursos aqui e no exterior. O sujeito diz asneiras desse naipe com ar de sábio, reflexivo. E é saudado por um zurrar unânime da mídia.

Discuti muito com uma antiga amiga, quando mostrava os impactos dessas ações nos chamados interesses nacionais e via mão externa, e ela rebatia com conhecimento de causa: não são conspiradores, são primários.

Imbecil é o país que se desarma completamente, Judiciário, mídia, organizações que se jactam de ter Escolas de Magistratura, de Ministério Público, de Polícia Federal e o escambau, permitindo mergulhar na mais completa ignorância institucional.

Inspeção da UE

aureliojunior50

dom, 19/03/2017 - 04:15

O mundo agora virou facebook, e os delegados da PF e seus asseclas (a midia e os doutos concursados Procuradores), tornaram-se os senhores da verdade imbecilizada, relinchando e zurrando, com suas carinhas de bons mocinhos, todos brancos e limpinhos de Zegna e Armani, verdades incontestaveis, as quais a massa e mais ignorante ainda, aceita sem a minima contestação, que aliás nem poderiam, pois como eles ,são tão ignorantes a respeito do que eles falam.

Nunca viram uma inspeção de delegados fito-sanitários da UE ou de sauditas ou russos, todos seguem a "cartilha" USDA, eles não começam pelo "boi/frango", mas pelo o que o bicho comeu, analisam a ração, começam pelo pasto, se o capim (forragem) foi tratado com defensivos ou não (muda o preço e[...]ver mais

- LINK PERMANENTE
- RESPONDER

aureliojunior50

Zurrar em rede, e "Cota Hilton"

dom, 19/03/2017 - 03:12

Que o DIPOA/SIF - PR tinha problemas, a ABIN foi comunicada há anos, não há dois, foi mais, e foi procurado - tentado - "cintar" este orgão, mas injunções politicas e empresariais (não das "majors"), embaçaram a cintagem, inclusive aumentaram o escopo de suspeitas para outros Estados (GO, TO, MT, SP).

Sou de mercado, um vendedor de qualquer coisa, tangivel ou intangivel, inclusive "carnes" (não importa o bicho), e sei como funciona o processo de exportação, o qual não é nem de perto a simplicidade que o infimo delegadinho e seus sabujos midiaticos explanaram mal e porcamente (não referente a suinos de corte, que são muito limpinhos), pois pelos contratos, tanto com a USDA como a UE, Japão....qualquer País, tanto o frango como o boi, em partes ([...]ver mais

- LINK PERMANENTE

- RESPONDER

Jair Fonseca

Todos esses setores ditos
dom, 19/03/2017 - 02:27

Todos esses setores ditos "modernos" do empresariado dito "nacional" traíram a democracia brasileira, ao apoiarem o golpe. Aliás, como já faziam quando não eram mudernos... E vou citar de novo o que já se sabe: no caso das carnes, além da exploração da mão de obra barata e da enganação do "consumidor", o que se faz com os animais não humanos é desumano. F...se.

6.Como a JBS e outras empresas de carnes se aliaram ao estado para lesar milhões de brasileiros

http://www.ilisp.org/artigos/como-jbs-e-outras-empresas-de-carnes-se-aliaram-ao-estado-para-lesar-milhoes-de-brasileiros/

By **Cristine Nicolau** - - 17/03/2017

Share on Facebook

Quando se pensa em produtos de origem animal, não é difícil que a maioria das pessoas logo conclua que devem ser fiscalizados e controlados. Para tanto, concordam que o estado institua determinadas regulamentações, portarias e especificações em todas as etapas de produção dos referidos produtos.

A fim de fazer valer tais regulamentações, o estado institui ministérios, secretarias e departamentos para realizar fiscalizações. Aquele que quer investir no setor precisa, portanto, de um jurídico forte, contratando grandes advogados e contadores a fim de viabilizar seu empreendimento.

Como resultado, apenas grandes empresas, com muito dinheiro, donas de várias marcas, conseguem investir no setor devido ao peso das regulamentações, isso sem mencionar os demais

encargos suportados prelo empreendedor brasileiro (trabalhistas e tributários, por exemplo). Nesse cenário, evidentemente, o consumidor NÃO terá à sua disposição uma vasta gama de fornecedores, podendo optar apenas entre os produtos de alguns conglomerados, inexistindo, pois, concorrência efetiva no setor. Em troca, o estado "assume" o controle de qualidade dos produtos, instituindo regulamentações e gerando um círculo vicioso em detrimento do consumidor.

Indo adiante, vamos pensar com um pouco de malícia. Vamos imaginar que os conglomerados que mencionamos resolvessem manipular os órgãos fiscalizadores do estado pagando propina aos fiscais, departamentos e secretarias que deveriam, supostamente, zelar pela qualidade dos alimentos. O consumidor, veja, já não terá a opção de ir à concorrência em busca de qualidade superior, pois o estado a eliminou em troca de agir como um "agente garantidor da qualidade". Na ausência de um livre mercado – e, portanto, de concorrência – o consumidor será obrigado a levar para casa um produto de péssima qualidade por não ter livre escolha entre outros fornecedores.

Não é por acaso que foi o que ocorreu – mais uma vez – aqui no Brasil. Trata-se da Operação Carne Fraca, deflagrada pela Polícia Federal na data de hoje (17). As marcas mais famosas e presentes nas prateleiras de supermercados por todo o País estavam vendendo produtos vencidos. Isso mesmo: estragados, podres. Para mascarar o odor de podridão, jogavam aditivos químicos – cancerígenos – e vendiam como carne fresca. Não bastasse isso, ainda inseriam papelão nos lotes de frango e cabeça de porco nos lotes de linguiça.

Impossível dissociar tal episódio do esquema do leite adulterado, a operação Leite Compensado, que investigava um esquema descoberto inicialmente em 2007, mas que até hoje continua a ser praticado.

Você deve imaginar como um absurdo desses pode ocorrer. É que aquele órgão estatal que deveria fiscalizar – já que o próprio consumidor não tem a liberdade de optar – estava também corrompido, trazendo à tona aquela velha questão: quem vigia os vigilantes?

Pior ainda, a fraude só veio à tona porque um dos fiscais resolveu jogar o esquema no ventilador. O motivo não foi exatamente a solidariedade aos consumidores lesados: o fiscal havia denunciado sua superior, a chefe do *Departamento de Inspeção* de Produtos de Origem Animal (Dipoa), Maria do Rocio Nascimento, ao sindicato por assédio moral. Em retaliação, foi determinada sua transferência para outra cidade. Ou seja, mais um exemplo do brilhantismo da eficiência estatal. Não bastasse isso, o fiscal se queixou, ainda de remoções de funcionários feitas *para atender aos interesses das empresas*.

O resultado prático é que, ao remover o "controle de qualidade" dos consumidores mediante a destruição da concorrência, bem como ao deixar a fiscalização nas mãos do estado, este logo foi aparelhado para satisfazer não as necessidades de pagadores de impostos, mas sim dos corporativistas, aqueles que amam o monopólio / oligopólio às custas do parasitismo estatal e detestam a livre concorrência.

Prova disso é que dentre os envolvidos estão grandes financiadores de campanhas políticas: somente nas eleições de 2014, a JBS doou R$ 366,8 milhões às campanhas eleitorais de diversos políticos, incluindo Dilma e Aécio, nada mais nada menos que 39,5% de todo o lucro que obteve em 2013, se tornando a maior doadora eleitoral daquela eleição. Dos 513 deputados federais no Congresso, 162 deles receberam doações da JBS, que doou para a cúpula de 21 dos 28 partidos que representados na Câmara.

Um socialista logo diria que tamanho descaso com a saúde do consumidor seria obra do “capitalismo malvadão”, ignorando a conduta decisiva do estado para que o esquema funcionasse. Um defensor do livre mercado, por outro lado, logo percebe que tamanha má-fé se deve à certeza de que não haverá prejuízo nas vendas simplesmente porque o consumidor mal tem para onde correr se quiser consumir o produto de outro produtor.

Numa economia realmente livre, vender um produto podre é um suicídio que leva a empresa à falência. Mas, no Brasil, os burocratas precisam – e muito – dos corporativistas, então tenha certeza que nenhuma dessas empresas irá falir. Não à toa, segundo o delegado de Polícia Federal, Maurício Moscardi Grillo, dois partidos – PP e PMDB – receberam parte dos valores pagos a título de propina. Nunca a frase “comerão as migalhas que caírem de nossa mesa”, de Lênin, fez tanto sentido.

Cabe lembrar que a JBS em si é praticamente uma criação do estado brasileiro: foram R$ 12,8 bilhões dos pagadores de impostos brasileiros para financiar a expansão do grupo, especialmente durante o governo Lula (PT). O presidente da Associação Brasileira de Frigoríficos (Abrafrigo), Péricles Salazar, chegou a questionar “por que jogar tanto dinheiro numa só empresa? Não há somente ela no mercado!”. Fora isso, o governo brasileiro tem 26,33% da empresa: são 21,52% das ações nas mãos do BNDESPar e 4,92% controlados pela Caixa Econômica Federal. Maior corporativismo do que esse, impossível.

Em tempos de canibalismo político, a carne é fraca, mas o estado é forte e a indigestão é sua.

Cristine Nicolau

Bacharel em Direito, advogada e atuante na area de Direito Digital

---

7.JBS e BRF Foods produzem carne podre com dinheiro público

Publicado em 17/03/2017 - 09:04 Vicente Nunes

A Operação Carne Fraca, deflagrada hoje pela Polícia Federal, explicita o total desrespeito dos frigoríficos JBS, dono da Friboi e da Seara, e BRF Foods, proprietária das marcas Sadia e Perdigão. As empresas, gigantes do setor, com mais de 60% do mercado de carnes no país, vendem produtos podres, vencidos, moídos com papelão.

JBS e BRF Foods não têm o menor compromisso com a população. O pior é saber que boa parte dos negócios dessas empresas foi financiada com recursos públicos, por meio do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). Ou seja, dinheiro do Tesouro foi usado para enganar os consumidores.

Todo esse esquema teve a complacência de fiscais agropecuários, que estão em plena campanha na tevê para defender a carreira, pregando o quanto ela é importante para o país. Para o país? Na verdade, os fiscais são importante, mesmo, para as empresas, por encobrirem irregularidades. Estamos falando de saúde pública, e os fiscais só preocupados em engordar a conta bancária.

Fiscalização falha

De nada adiantará a ação da Polícia Federal se órgãos fiscalizadores como os ministérios da Agricultura e da Saúde e a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) não fizerem nada. Vai haver uma intervenção séria nas empresas para averiguar as reais condições de produção? É difícil acreditar nisso.

Daqui a pouco, virá o discurso oficial de que é preciso cuidado, que os fatos são isolados, que é preciso preservar a JBS e a BRF Foods, porque são grandes exportadoras. Com certeza, veremos uma reação muito mais forte do exterior, dos países que consomem produtos desses frigoríficos, do que aqui.

Tudo está errado no Brasil. É carne podre sendo vendida como a melhor do país, com campanhas milionárias na tevê, em jornais e em revistas. É carne moída com papelão. É leite ofertado com soda cáustica. Enfim, a saúde pública que se lixe. O importante, mesmo, é dar lucro.

A lista de envolvidos na Operação Carne Fraca é enorme. Inclui, inclusive, redes de fast food, como o Subway. Está tudo disseminado. Não por acaso, estamos diante da maior operação da história da Polícia Federal.

Estão sendo cumpridos 309 mandados judiciais, sendo 27 de prisão preventiva, 11 de prisão temporária, 77 de condução coercitiva e 194 de busca e apreensão em residências e locais de trabalho dos investigados e em empresas supostamente ligadas ao grupo criminoso.

http://blogs.correiobraziliense.com.br/vicente/jbs-e-brf-foods-produzem-carne-podre-com-dinheiro-publico/

Brasília, 09h04min

8.ÓLEO E GÁS, CONSTRUÇÃO E, AGORA, CARNES. O QUE VAI SOBRAR NO BRASIL?

http://www.brasil247.com/pt/247/economia/285582/%C3%93leo-e-g%C3%A1s-constru%C3%A7%C3%A3o-e-agora-carnes-O-que-vai-sobrar-no-Brasil.htm

Os setores mais importantes da economia brasileira estão sendo devastados por operações policiais; com a Lava Jato, foram destruídas empresas atuantes nos setores de construção pesada e óleo e gás; a prova mais recente foi o fato de o leilão dos aeroportos não ter tido a presença de nenhuma construtora brasileira; agora, com a Operação Carne Fraca, da Polícia Federal, foram atingidas as principais empresas de

alimentos do Brasil, que é líder mundial na exportação de carne bovina e de francos, com vendas de US$ 13,9 bilhões em 2016, mas que certamente será alvo de novas barreiras sanitárias; as grandes questões que devem ser colocadas são: haveria uma maneira de combater a corrupção sem destruir empresas e empregos? a quem interessa a destruição de mais uma cadeia produtiva brasileira?

17 DE MARÇO DE 2017 ÀS 20:54 // 247 NO TELEGRAM // 247 NO YOUTUBE

247 – Três anos depois da Operação Lava Jato, que completou aniversário nesta sexta-feira 17, o que restou da engenharia brasileira?

Praticamente, nada. A Odebrecht demitiu mais de 100 mil funcionários e foi riscada do mapa, sendo tratada como empresa radioativa na América Latina.

A OAS está em recuperação judicial. A Camargo Corrêa vendeu ativos para empresas chinesas. E construtoras menores também encolheram drasticamente.

No setor de óleo e gás, uma das principais apostas do setor, a Sete Brasil, foi à lona. Empresa que construiria as sondas para o pré-sal, ela também foi atingida pela Lava Jato, assim como toda a indústria naval brasileira.

O resultado foi um processo de destruição econômica raras vezes visto na história da humanidade.

Em comum, todas essas empresas foram abatidas por investigações policiais.

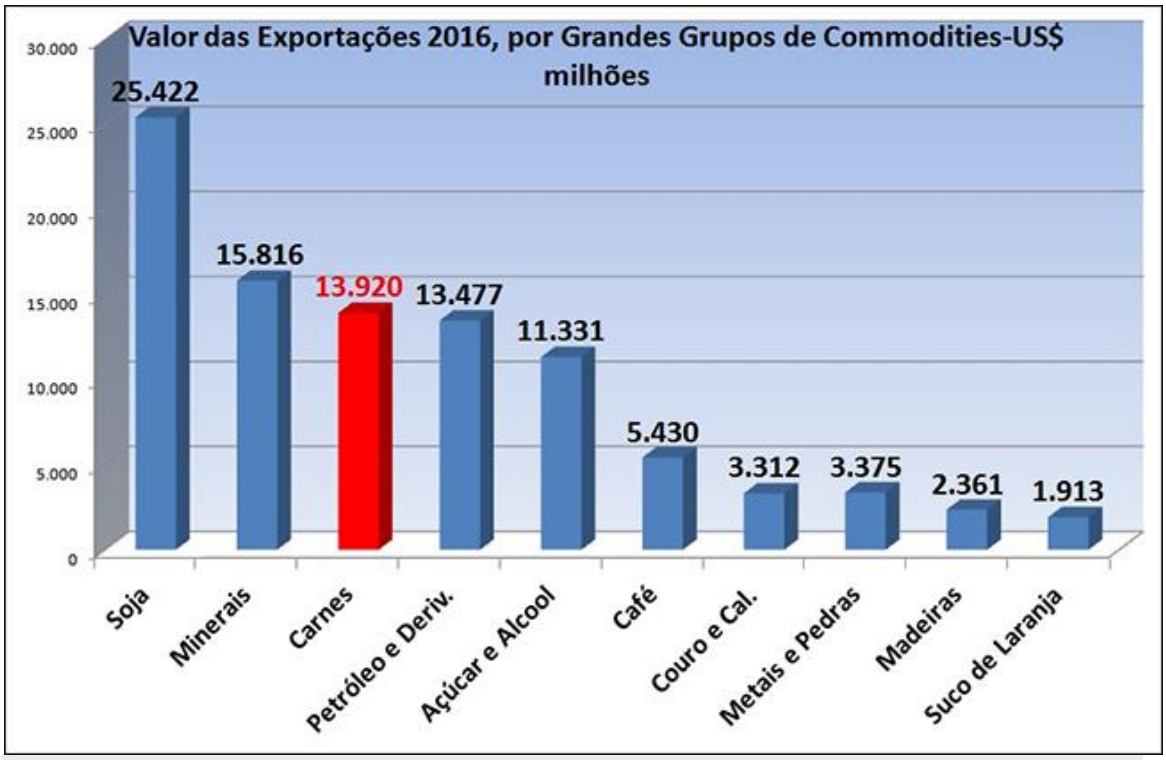
Curiosamente, no mesmo dia em que a Lava Jato completou três anos, o assunto do momento passou a ser outro: a Operação Carne Fraca, que derrubou as ações das duas maiores empresas de alimentos do Brasil: a JBS, dona da marca Friboi, e a Brasil Foods, das marcas Sadia e Perdigão.

A partir de um problema aparentemente isolado, toda uma cadeia produtiva foi jogada na lama. "Um soco", definiu o ministro da Agricultura, Blairo Maggi.

Como empresário, sendo um dos maiores exportadores de soja do mundo, Maggi sabe o quanto custa abrir mercados internacionais.

Hoje, o Brasil é o maior exportador de carne bovina e de frangos do mundo e as exportações desse segmento representam 6,9% das vendas internacionais brasileiras. Nada menos que US$ 13,9 bilhões.

Como todo o enfoque da Operação Carne Fraca se deu na questão sanitária, uma consequência inevitável será a imposição de barreiras comerciais contra as exportações nacionais.
E o Brasil, que já vive a maior depressão econômica de todos os tempos, com um PIB que encolheu praticamente 10% em dois anos, terá uma recessão ainda mais aguda, com mais demissões na indústria.
A quem interessa destruir mais uma cadeia produtiva brasileira, depois da implosão dos setores de óleo e gás e de engenharia? Quem se beneficia? Será que não seria possível investigar eventuais desvios sem comprometer interesses nacionais?
São questões que ainda aguardam respostas.
Abaixo, a participação do setor de frigoríficos nas exportações brasileiras:



PUBLICIDADE

9. SOBRE O ESCANDALO DA CARNE. CONSIDERAÇÕES

Rafael Bicca Machado FB 19 MARÇO

Sobre o chamado "escândalo da carne", não resisto a alguns comentários.

Na minha vida profissional conheci inúmeros frigoríficos (tanto de carne bovina, quanto de frango) inclusive de algumas das empresas que estão sendo mencionadas na imprensa.

Sempre encontrei lá veterinários e profissionais da mais alta qualidade. Sempre vi os funcionários das fábricas levando com satisfação os produtos para sua casa, para serem consumidos por suas famílias.

Claro que podem ter havido atos de corrupção.

Claro que pode ter ocorrido a venda de produtos vencidos, em alguns momentos e locais, com a conveniência de fiscais.

Se houve, que os envolvidos sejam punidos, na forma da lei. Atos assim são absurdos e merecem repúdio.

Agora, falar que todas as carnes vendidas são podres e com produtos cancerígenos, vai uma longa distância.

Falar que tem papelão dentro do frango já é algo demais.

Começar a desconfiar de todo o setor agrícola brasileiro e a dizer que não dá mais para comer carne é um completo absurdo.

Menos, bem menos.

10.Tyson Foods prepara plano para avançar no Brasil

não há data, provavel ser ano de 2010-2011)

Com faturamento global de US$ 27 bilhões, a empresa já reservou "um valor" para elevar sua participação no mercado brasileiro a partir de 2011.

A Tyson do Brasil, subsidiária da multinacional americana Tyson Foods, já tem pronta a estratégia para ampliar as operações no país. Com faturamento global de US$ 27 bilhões, a empresa já

reservou "um valor" para elevar sua participação no mercado brasileiro a partir de 2011.

Em audiência na Comissão de Agricultura da Câmara, o novo presidente da filial brasileira, Vitor Hugo Brandalise, afirmou que a empresa, a segunda maior processadora mundial de proteína animal, está pronta para crescer no Brasil. "Temos um valor já disponível da matriz para aplicar aqui quando a gente atingir o ponto de equilíbrio", disse aos deputados, sem revelar o valor do investimento. "Vamos investir aqui. Focar em aves, que é o nosso negócio. Depois, agregar valor com suínos, o que seria normal. E como último estágio entraremos na área de bovinos". A empresa já investiu R$ 250 milhões no Brasil e tem outros R$ 40 milhões para gastar até o fim do ano fiscal, em julho.

A opção da Tyson pelo Brasil é um movimento estratégico para expandir a produção no terreno das concorrentes brasileiras, os grupos JBS e Marfrig. "Não tem muito mais o que crescer nos Estados Unidos. Vamos crescer na China, Índia e México, mas o Brasil é a maior possibilidade de sucesso e crescimento da Tyson", disse Brandalise, que assumiu o cargo no início de junho. "Desde 2008, estamos perdendo dinheiro. Mas é um prejuízo calculado e vamos reinvestir [lucros] no Brasil, não vamos mandar para os Estados Unidos".

A Tyson Foods tem 40% do faturamento ligado a produtos de bovinos, 36% de frangos e 13% de suínos. No Brasil, onde emprega 3,2 mil funcionários e mantém "integração" com 248 aviários, a multinacional comprou as fábricas de Macedo (SC), Avita (SC) e Frangobrás (PR). "Podia ter comprado uma grande empresa, mas comprou três empresas pequenas para se adaptar à cultura brasileira". A Tyson, afirmou ele, preferiu apostar na "elevação da produtividade e da rentabilidade" como estratégia de crescimento. "Até agora, seguramos os investimentos".

Provocado pelos deputados, Brandalise afirmou que a estratégia da Tyson não é "retaliação" contra a JBS, que tomou o posto da maior processadora mundial de carnes, " A Tyson já estava aqui antes de a JBS comprar a Pilgrim ' s", disse. "Foi retaliação da JBS contra a Tyson, talvez". E revelou que a empresa preferiu não comprar concorrentes nos EUA. "Tinham oferecido [a Pilgrim ' s] pra nós. Não houve interesse porque tinha muitas unidades e a Tyson vinha perdendo dinheiro desde 2007. Mudou a gestão, mudou o CEO e veio ordem para aumentar a rentabilidade, e não comprar. Também

poderia ter comprado a Keystone, mas oferecemos a metade do que a Marfrig pagou", afirmou na audiência.

O gerente financeiro da Tyson Brasil, Cleverson Tullio, informou que a "matriz está altamente capitalizada" para alavancar o crescimento fora dos EUA. E indica como se dará a expansão complementar no Brasil. "Queremos captar recursos internamente, mas ainda não podemos chegar ao BNDES por causa dos níveis de garantia que temos hoje. Ainda temos dificuldade em captar recursos", disse. A empresa assumiu financiamentos da Avita e da Frangobrás, de R$ 19 milhões no BNDES e de R$ 7 milhões no BRDE. "Mas o funding maior [para entrar no Brasil] veio da matriz. Vamos tentar ampliar com BNDES e outros bancos".

(Portal Cozinha Profissional)

11.Oligopólio da carne brasileira é alvo da CIA-...

Oligopólio da carne brasileira é alvo da CIA-EUA que apoiou golpe político contra Dilma/Lula/PT
http://independenciasulamericana.com.br/2017/03/oligopolio-da-carne-brasileira-e-alvo-da-cia-eua-que-apoiou-golpe-politico-contra-dilmalulapt/
Cesar Fonseca em 20/03/2017

O JOGO É DESTRUIR OS OLIGOPÓLIOS NACIONAIS.

O golpe político abriu espaço para o assalto dos oligopólios internacionais sobre os oligopólios nacionais. O presidente Temer reage agora porque a base política da agricultura garante votos no Congresso às reformas conservadoras e entreguistas, ao contrário das bases fracas que não conseguem se articular no Parlamento para defender outro oligopólio, o do petróleo, que está sendo destroçado pelas multinacionais do óleo, graças ao trabalho da espionagem internacional, que arregimenta os vendilhões da pátria, com ajuda da polícia federal e o judiciário, instrumentos dóceis nas mãos do capital internacional. Por que Temer não reage à destruição da Petrobrás mas reage à destruição do agronegócio?

O velho Marx tem razão.

O capitalismo tem o seu ciclo que se repete ininterruptamente ao longo do processo de produção capitalista: concentração, centralização, crise, destruição, pauperização.

Os mais fortes vão, inevitavelmente, comendo os mais fracos.

Vale tudo nessa luta.

Hoje, a espionagem é a grande arma dos mais fortes para continuar sua luta para engolir os mais fracos etc.

Obama botou espionagem dentro do Planalto para destruir Dilma, Lula, PT e o nacionalismo econômico florescente que possibilizou ampliação de grandes grupos econômicos nacionais, como o oligopólio da carne, por exemplo, com a ajuda do BNDES, sem falar na Petrobrás, o alvo dos oligopólios do óleo em escala global.

Obama espionou todo mundo: Merkel e outros líderes mundiais.

Trump, que fez campanha para parar guerras, por meio das quais o império prospera, agora, confirma que a luta é sangrenta, mesmo, nesse campo, denunciando que foi alvo de grampo por parte de Obama.

Quem espiona?

A CIA, claro.

Eis a maior arma de expansão do império.

Nasceu prá isso.

Está a serviço da expansão econômica e política de Tio Sam no mundo à custa do desenvolvimento, especialmente, do Estado Industrial Militar Norte-Americano, assim denominado por Eisenhower, em 1960, com ressalva de que temia tal processo, grande ameaça à democracia etc.

INGENUIDADE DOS CRÍTICOS DA CONTABILIDADE CRIATIVA QUE NÃO SABEM O QUE DIZ.

Lula e Dilma montaram os oligopólios da carne com recursos do BNDES. Os críticos ingênuos disseram que isso foi contabilidade criativa responsável pela expansão do déficit público com dinheiro público subsidiado. Estão, inconscientemente, a serviço da CIA, que, manipulando a política e o judiciário tupiniquins, destroem as bases da economia nacional.

A CIA, como se sabe, treina policiais dos países capitalistas periféricos, subordinados, econômica e politicamente, aos Estados Unidos.

Segredo de Polichinelo.

A Polícia Federal brasileira abriga departamento no qual os agentes americanos circulam livremente.

Esse processo se ampliou para o judiciário brasileiro.

As denuncias e evidências de que juízes brasileiros, como é o caso famoso de Sérgio Moro, de Curitiba, o homem da Operação Lavajato, não foram desmentidas até o momento.

Policiais e juízes se uniram sob o tacão da CIA.

Esse braço da espionagem americana na periferia do capitalismo dependente não tem nada de amizade.

Sobretudo, visa preservação de interesses dos Estados Unidos, quando se veem ameaçados em seus negócios, porque, como dizem os líderes americanos, o negócio dos Estados Unidos são os negócios.

Ponto Final.

O lance da Petrobrás é isso aí.

Estão desmontando a empresa a partir da inteligência espiã americana.

Lançaram mão dos agentes nacionais para destroçar as informações da empresa, colocando-as a serviço dos interesses das empresas de petróleo dos Estados Unidos e de suas sócias pelo mundo afora para fragilizar a grande estatal criada por Getúlio Vargas, nos anos 1950 e cujo desenvolvimento sempre representou ameaça e preocupação dos concorrentes.

Blairo Magi, ministro da Agricultura, golpista da primeira hora, para derrubar Dilma, não entendeu que o oligopólio da carne brasileira,

que domina a cena mundial, foi construído por governo nacionalista que lançou mão do BNDES, criado por Getúlio, para potencializar o agronegócio nacional. Embarcou na canoa errada, como os críticos da contabilidade criativa.

Fatiar a estatal nacional é o jogo do golpe político que derrubou a presidenta Dilma.

O presidente da Petrobrás, tucano de carteirinha, comprometido com os interesses alienígenas, está vendendo a preço de ocasião, a 5% do seu valor real, o patrimônio da estatal.

As licitações para exploração estão alijando-se interesses nacionais.

As compras de equipamentos da estatal no mercado interno, que se constitui em estratégia para fortalecer a cadeia produtiva nacional do petróleo, estão proibidas.

O grosso é feito no mercado externo, depois que privatizaram o pré sal.

Os sócios menores do capital externo, no país, como é o caso da grande mídia, são os grandes propagandistas dessa privatização.

Depois de destroçar a Petrobrás, outros alvos, facilitados pelo golpe político, estão na mira, também.

É o caso da carne brasileira.

Os grandes frigoríficos cresceram, graças ao apoio do governo Lula, por exemplo, por meio do BNDES.

O que a CIA faz?

Influi-se para destruir o BNDES, com argumento de que emprestou dinheiro subsidiado ao capital nacional, razão pela qual a economia foi para o buraco.

A contabilidade criativa que produz livros de jornalistas alienados, dizem, produziu o déficit, ao emprestar barato para as empresas crescerem.

Se não fosse isso não existiria o oligopólio da carne que atrai a ira dos concorrentes internacionais.

O jogo agora é destruir capital nacional alocado nos grandes frigoríficos, que viraram oligopólio global.

Quando o capitalismo tupiniquim amplia o seu leque para entrar e dominar a cena global, eis que entram os críticos da contabilidade criativa para dizer que os empréstimos do BNDES à produção nacional, justamente, visando a expansão econômica brasileira, são a raiz do déficit público, da desorganização econômica, da inflação etc.

Os concorrentes aplaudem esse raciocínio.

São 15 bilhões de dólares de exportações faturados anualmente por esse oligopólio, que, conforme descreve anuncio publicado, nos

jornais de hoje, pela Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes(ABIEC) e Associação Brasileira de Proteína Animal(ABPA), está presente em 150 países na Europa, nos Estados Unidos, no Japão, na China etc.
Os importadores já estão suspendendo pedidos ao mercado brasileiro de carne; vão comprar dos americanos.
O Brasil é líder global em produção de frango, suíno e bovino.
Até 2020, a produção nacional de carne bovina deve suprir 44,5% da demanda mundial, enquanto a carne de frango terá 48,1%, e a suína, 14,2%.
O golpe político veio para facilitar tentativa de destroçar a construção desse gigante das exportações de proteínas favorecida e estimulada pelo governo do PT por meio do BNDES que os golpistas querem, agora, destruir.
Com o mesmo propósito, propósito nacionalista, o BNDES botou grana para fabricar o grande Porto de Mariel em Cuba a partir do qual as exportações sul-americanas e de outros países, como a China, chegariam aos Estados Unidos, fortalecendo os exportadores nacionais, principalmente.
Obama acelerou o fim do bloqueio a Cuba a partir da inauguração do Porto de Mariel, alavancado por capital do BNDES lulista/getulista, que, agora, o entreguista Temer tenta anular.
Lula e Dilma ampliaram a participação das empreiteiras e indústrias nacionais no mercado internacional por meio do BNDES, tornando o país grande exportador de commodities, manufaturados e serviços.
Os serviços de espionagem estão em ação há tempos para criar ambiente capaz de parar o Brasil que tem de tudo: água, terra, sol abundante, biodiversidade infinita, produção agrícola capaz de alimentar o mundo, energia, petróleo, minerais estratégicos e industriais diligentes capazes, com apoio de governo nacionalista, como foi o de Lula/Dilma, para ganhar a concorrência internacional.
Destruir o oligopólio da carne, agora, é mais um passo do que já vem sendo dado graças ao golpe político.
O problema é que a agricultura é dominada por uma base política conservadora no Congresso que ajudou a dar o golpe e dificulta reforma política renovadora.
As contradições econômicas e políticas explodem porque, na prática, tal base é insuficiente para barrar as pretensões dos grandes concorrentes internacionais, no sentido de destruí-la, salvo se ela ancorar-se no espírito nacionalista, que, por sua vez, não combina com os propósitos entreguistas do governo golpista.
Está em curso uma arremetida extraordinária dos interesses externos para destruir a força da economia brasileira que estava,

com Lula/Dilma, ganhando espaço global, jogando para escanteio os concorrentes que não dispõem das vantagens comparativas disponíveis da economia brasileira, no plano da produção e do consumo.
A tentativa de parar o Brasil, especialmente, por meio de ajuste fiscal que paralisa investimentos públicos por vinte anos, é a meta essencial dos concorrentes para fragilizar internamente o gigante, de modo a destruí-lo.
O agronegócio, que apoiou o golpe, sente, agora, a faca entrar em suas costas.

12.Louvem porras-loucas da PF, MPF e Judiciário, e o Haiti será aqui

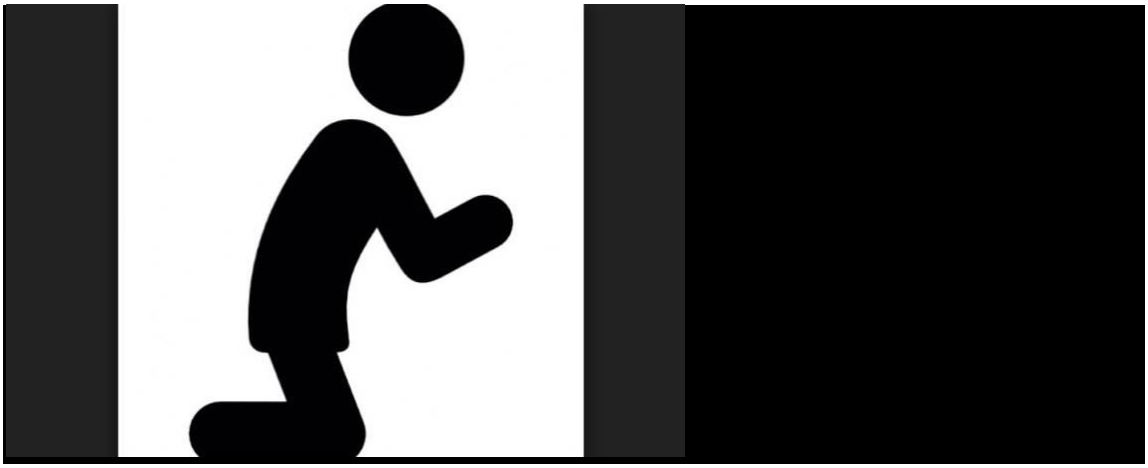
http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/louvem-porras-loucas-da-pf-mpf-e-judiciario-e-o-haiti-sera-aqui/

"Coletiva em off" concedida por procuradores-vazadores, espetáculo grotesco da PF e laivo populista de juiz indicam o óbvio: estão todos fazendo política

Por **Reinaldo Azevedo**

access_time20 mar 2017, 07h09 - Atualizado em 20 mar 2017, 07h35

chat_bubble_outlinemore_horiz



O espetáculo grotesco, deprimente e perigoso estrelado pela Polícia Federal, que pode trazer prejuízos gigantescos ao Brasil e aos brasileiros, tem antecedentes. Não se chegou àquele descalabro do nada. Há muito está em curso a marcha da insensatez.

Quando eu começar a errar, aviso. Ou avisam os que têm a pretensão de ser meus adversários, não é? Ocorre que, até agora, assiste-se ao contrário disso. Só acerto! As provas estão nos fatos. Há bastante tempo venho chamando atenção para procedimentos impróprios de algumas autoridades encarregadas de investigar crimes (Polícia Federal e Ministério Público) ou de julgar os que são processados pelo estado — e, nesse último caso, refiro-me, é evidente, a setores do Judiciário.

Digamos com todas as letras, com todos os pingos nos is, com todas traves no tês: os porras-loucas desses três entes — PF, MPF e Judiciário — decidiram exercer o controle da política e dos políticos. E a melhor forma que encontraram de fazê-lo é criando factoides para manter a opinião pública em estado de permanente exasperação e mobilização rancorosa, que é coisa diferente de fazer uma escolha política. E contam, para isso, com a imprensa como subordinada e porta-voz.

Orgulho-me de ter escrito no dia 15 de fevereiro um post em que afirmei que há apenas três partidos no Brasil: 1) o PT e seus satélites de esquerda; 2) o PMDB-PSDB e seus satélites do Centrão e 3) o PAMPI (O Partido do Ministério Público e da Imprensa). Posso até fazer uma pequena mudança para tornar a coisa ainda mais precisa; o certo é PAMPIPO (Partido do Ministério Público, da Imprensa e da Polícia).

Alguém tem alguma dúvida disso?

A **coluna** deste domingo da ombudsman da Folha traz uma denúncia grave. Escreve Paula Cesarino Costa sobre o vazamento de nomes da chamada “Lista de Janot”, que deve chegar o ministro Edson Fachin apenas nesta segunda ou terça:
“Das dezenas de envolvidos na investigação, vazaram para os jornalistas os mesmos 16 nomes de políticos — cinco ministros do atual governo, os presidentes da Câmara e do

Senado, cinco senadores, dois ex-presidentes e dois ex-ministros. Eles estavam nas manchetes dos telejornais, das rádios, dos portais de internet e nas páginas da Folha e dos seus concorrentes — O Estado de S. Paulo, O Globo e Valor. Por que tanta coincidência? A ombudsman apurou que a divulgação da chamada segunda lista de Janot se deu por meio do que, no mundo jornalístico, se convencionou chamar de 'entrevista coletiva em off'. (….) Após receberem a garantia de que não seriam identificados, representantes do Ministério Público Federal se reuniram com jornalistas, em conjunto, para passar informações sobre os pedidos de inquérito, sob segredo, baseados nas delações de executivos da Odebrecht."

Antes que prossiga, deixo claro: eu e Paula Cesarino somos, como costumo brincar, de "enfermarias diferentes". Ela já lamentou de modo indireto que eu seja colunista da Folha. Não estou procurando pegar carona numa opinião sua ou fazer dobradinha. Estou é destacando uma informação que ela publicou e que sei correta. Afinal, já escrevi aqui que o objetivo da "Lista de Janot" é provar que todos são iguais. Ao industriar os vazamentos, os procuradores cometem um crime, que nem investigado será, e desbordam de sua função: fazem política. Prossigo.

Aécio Neves e Lula

E só nesse caso? Ah, não! Os vazadores resolveram também passar adiante o conteúdo de outras supostas delações: a Odebrecht e a Andrade Gutierrez teriam acertado o repasse de R$ 50 milhões a Aécio Neves, em 2007, depois de vencerem o leilão para a construção da hidrelétrica Santo Antônio, em Rondônia. Mas atenção: a) ninguém disse que era propina; b) os delatores não sabem se o dinheiro realmente foi pago. Entenderam?

Na coletiva que concederam na sexta-feira, os procuradores Deltan Dallagnol e Carlos Fernando evidenciaram o desprezo que têm pelo Congresso, asseguraram que os senhores parlamentares querem é

acabar com a Lava Jato, e um deles, Deltan, antecipou até a data do julgamento de Lula, que será feito pelo juiz Sergio Moro. A condenação veio sugerida nas entrelinhas. Na página-trocadilho criada por sua mulher — “Eu Moro com Ele” —, o juiz agradece o apoio da população e sugere que, sem este, a história poderia ser outra.

Todas essas ações têm nome. E o nome disso é política. É o que fazem os procuradores quando dão coletivas em off; é o que faz Moro quando apela diretamente à população; é o que faz a Polícia Federal quando, com impressionante irresponsabilidade, desfaçatez, ligeireza, falta de elementos e estupidez técnica, demoniza a carne brasileira, cuja excelência é reconhecida mundo afora.

Todos querem fazer história

Há uma evidente sede de protagonismo dessas forças. Não se contentam com o seu papel institucional, que, obviamente, pode, sim, dar conta do recado, combater a corrupção, prender os corruptos. A propósito: a única força no Brasil que hoje promove a impunidade é a Lava Jato, dadas as penas ridículas que aplicam aos delatores. Notórios bandidos estão sendo, de fato, literalmente premiados. Os abusos sem contenção nem punição da Lava Jato conduzem a outros tantos.
Não senhores! O espetáculo grotesco da Polícia Federal na sexta não surgiu do nada. Sob o pretexto de combater bandidos, só pode fazer aquela patuscada quem aposta na impunidade. A mesma impunidade que protege os procuradores-vazadores. Todos esses entes, incluindo setores do Judiciário, estão convencidos de que o país não precisa de políticos e da política.

Querem saber? Entreguemos o Brasil aos porras-loucas do MPF, da PF e do Judiciário, e, em dez anos, seremos um Haiti de dimensões continentais.

13.A VERDADE SOBRE AS OPERAÇÕES DA POLÍCIA FEDERAL –

Visão de um jovem brasileiro sobre o tema,divulgada por Bruno Reis no FACEBOOK a 21 março . .

[Texto "grande" em uma época que não se quer perder muito tempo em leituras. Aqui exponho única e exclusivamente minha humilde opinião, com base em dados que não tirei da minha cabeça e podem (devem) ser averiguados em fontes independentes. Para maior impacto, sugiro que assistam ao documentário, de 20 minutos, "Destruição A Jato", disponível na íntegra pelo YouTube.]

Sobre a recém-instalada operação da Polícia Federal, "Carne Fraca", tenho alguns comentários iniciais a fazer, contextualizados em seguida, em relação ao que vivemos desde 2014 em nosso país.

Primeiro, na notícia veiculada pelo grupo Globo de mídia (G1), está escrito claramente que "ácido ascórbico causa câncer". Bem, pode ser um simples "erro do estagiário" - essa desculpa já ficou consagrada. Entretanto, não é raro que erros simples, e assim tão, mas tão certeiros, sejam finamente produzidos com o propósito de se espalhar o pânico e a desinformação. E, ainda que fosse, permanece inadmissível um veículo de grande porte como o G1 difundir tal coisa. O imaginário leigo não sabe que ácido ascórbico é o comprimido de vitamina C que se toma para resfriados. São sinônimos! Nem que tal vitamina é extensamente usada como conservante em grande parte, senão na maioria, dos produtos alimentícios e de higiene, aqui e no mundo inteiro. Pois se trata de um mecanismo mais que seguro para estender o prazo de validade. Não há nada de errado tampouco cancerígeno nisso.

Sobre a adulteração de carnes: isso não deveria ser novidade pra ninguém. Que comemos pedaços de soja, olho de porco e víscera de galinha no nosso hambúrguer "bovino", pelo menos pra mim não era informação nova. Um estudo recente de uma universidade canadense analisou amostras das maiores redes mundiais de fast-food e nenhuma tinha o teor de carne estipulado. O mesmo texto do G1 que me intrigou, transcreveu um diálogo telefônico entre executivos de um frigorífico sobre a compra de carne da cabeça do porco para se incrementar a linguiça. Aí eu penso: e daí? Até os veganos hão de concordar comigo que, uma vez que o animal já foi abatido, é mais que um direito usá-lo por inteiro como fonte nutritiva - é um dever! À exceção do sistema nervoso central (risco de doenças priônicas), nada no corpo do animal deveria ser, sequer,

sub-utilizado. Nesse ponto, parece que o tão difamado Candomblé está mil anos à frente da norma para o processamento da carne.

O que os frigoríficos fizeram/fazem é contra a lei? Sim. A lei está correta? Bem, pode-se abrir tal debate! A resposta não é óbvia. Estamos em um país em que a Lei é usada unicamente em benefício de uma classe: um informante da CIA e ladrão exerce atualmente nossa Presidência, e um psicopata cumpre 30% da pena e volta ao futebol; por outro lado, um manifestante está há 5 anos na cadeia por portar Pinho Sol durante um ato político. Este é o Brasil que conhecemos. Ele mudou, assim, tão de repente? Do nada, a Lei que, até então servia a uma casta, passou a supostamente pegar no pé dessa casta? A Justiça passou a funcionar? Será que isso é verdade? Obviamente que não...

Até 2014, o Brasil era o 2º maior canteiro de obras do mundo, atrás apenas da China. Vivíamos o pleno emprego, o auge do agronegócio, por meio das relações promissoras entre um novo e desafiador bloco econômico (o BRICS), acumulávamos anos de queda na criminalidade, na pobreza e no analfabetismo, crescentes investimentos em saúde e educação, tínhamos acabado de implementar as mais avançadas tecnologias para a exploração extensiva do pré-sal. Até que, enfim, como na história do Terceiro Mundo nunca há uma "Era de Ouro" longa o bastante, o sonho acabou. O Brasil é perigoso demais: tem mão-de-obra demais, recursos demais, estava abocando fatias de mercado grandes demais, tem tudo e "demais" para ser uma potência! Obviamente que isso incomoda. O poderoso não aceita dividir seu poder, principalmente com países da zona subdesenvolvida do globo e que ainda tiveram a AUDÁCIA de se juntar com China, Rússia, Índia...

Veio uma coisa chamada "Operação Lava-Jato". O ano de 2014, quando foi deflagrada, marcou o primeiro revés nos indicadores socioeconômicos brasileiros, ainda bem discreto. De lá pra cá, nosso PIB recuou a passos maiores ano após ano, nossos investimentos sociais foram congelados, a Previdência está sob sítio, o desemprego subiu a níveis alarmantes, tivemos ondas inflacionárias terríveis que só se estabilizaram com a estagnação econômica (nem toda inflação estável significa que a economia vai bem). Tivemos um golpe constitucional e suas medidas anti-populares estão longe de tirar o país da crise, e sim aprofundá-la. Observemos a ordem dos alvos da Polícia Federal: primeiro, o petróleo. A Petrobrás está parada e possivelmente perderá seu monopólio - não por falta de "dinheiro", porque dinheiro tem, não por falta de infraestrutura pois é uma das maiores petrolíferas do

mundo, mas simplesmente por vontade política (ou "jurídica"). Os royalties, que salvariam as universidades brasileiras que estão em greve, deixaram que fluir pelo caixa.

Em segundo, a construção civil. Tivemos a prisão dos principais executivos das maiores empreiteiras brasileiras, que não operavam só na construção civil: tinham divisões para pesquisa, armamentos, agronegócio e por aí vai. A fase das "delações premiadas". Pronto, todas as obras do país estão paradas. O pacote de 131 bilhões que a Dilma lançou para a infraestrutura foi sustado, e com ele, rodovias, malha ferroviária, rio São Francisco, hidrelétricas, etc. Previa-se que a próxima grande recessão seria a explosão da bolha imobiliária brasileira, de tão rápido que o setor crescia. Isso simplesmente não aconteceu, pois a construção colapsou e os preços dos imóveis despencaram vertiginosamente. (O lado bom disso, talvez o único: os incêndios nas favelas paulistas tiveram uma pausa temporária.) Em 3º, tivemos o ataque à mineração. Eike Batista foi preso. Carajás, no Pará, é a maior mina de ferro do mundo, com capacidade para abastecer TODO o planeta por 4 séculos. Não 4 anos ou décadas, QUATRO SÉCULOS. Não é interessante que isso fique nas mãos de... brasileiros. Claro que tem que chamar o tal do "livre mercado". Deixem as transnacionais "competirem" em paz! E dane-se se o proprietário legítimo dessa mina, que é o povo, esteja em crise. E agora, por último e em 4º lugar, o ataque ao agronegócio. Na mesma matéria do G1, "a maior operação da Polícia Federal já deflagrada".

É intrigante notar que a Polícia Federal mirou exatamente nos setores mais competitivos da economia nacional, em ordem: petróleo, construção civil, mineração, e agora o agronegócio. Juntando isso tudo, temos uns 70% da nossa balança comercial e grande parte do setor terciário. Sem eles, só falta dinamitar a indústria nacional. Coincidência? Não existem coincidências.

Aí vão dizer, ah, mas os políticos não recebiam propina dessas empreiteiras e frigoríficos? Não rolava corrupção na Petrobrás? Sim, sem dúvida. A princípio, e apenas a princípio, a causa da Lava Jato é extremamente justa. No entanto, se o Marcelo Odebrecht pagou propina e o Michel Temer recebeu, a PESSOA Marcelo e a PESSOA Michel deveriam estar na cadeia (um está, e o outro não). Não as EMPRESAS. A empresa é um patrimônio do povo: o capital é privado, mas os prejuízos de sua destruição são "socializados". Os trabalhadores ficam desempregados. A pesquisa para de produzir. As escolas técnicas e planos de saúde vinculados às empresas param de funcionar. A infraestrutura daquela empresa foi

construída com o suor do NOSSO POVO. Quem trabalhava nelas éramos nós. Os envolvidos na corrupção foram apenas e somente os proprietários. Quando a Alemanha Nazista finalmente foi derrotada em 1945, NENHUMA das empresas criadas por Hitler foi desmontada. O produto-ícone do regime, o Fusca, da Volkswagen (criada pelos nazistas), foi provavelmente o carro mais vendido em todo o mundo. A Bayer fez experimentos nos judeus em campos de concentração e segue aí como uma das gigantes no setor, recentemente fundida à Monsanto. A Hugo Boss desenhou os uniformes das SA, SS e Wehrmacht e hoje é uma empresa de grife. Quem esteve diretamente envolvido nos crimes de guerra alemães foi devidamente punido pelo Tribunal de Nuremberg e outros procedimentos. A empresa ficou, pois reconhece-se que ela é patrimônio de uma nação.

O oligarca-chefe da "República de Curitiba", Sérgio Moro, e seus asseclas, procuradores neopentecostais, devem achar que os escândalos de corrupção brasileiros são mais alarmantes que os campos de concentração, e que Lula é pior que Hitler. Será que acham mesmo, ou será que devemos lançar suspeitas sobre sua idoneidade? A quem verdadeiramente serve a Operação Lava Jato e as que sucederam? Não é à toa que o "juiz-político" é flagrado em situações amigáveis com a cúpula do PSDB, que são lesa-pátrias não é de hoje. Não é à toa que a operação acoberta o Aécio. Não é a toa que se deu a demonização de Lula, seja ele um ladrão ou não, com o claro propósito de confundir e dividir o único setor político capaz de reverter essa crise: a esquerda. Sobre as relações da esquerda pós-moderna com o capital internacional, por meio de repasses da Ford Foundation e da Open Society, e como ela aprofunda a crise das esquerdas, é tema pra outro texto. O que fica claro é, dito tudo isso, existe um plano minuciosamente arquitetado, com ordens de fora e agentes aqui dentro, com o objetivo de DESTRUIR O BRASIL.

Quem não enxerga o nexo causal da crise brasileira com as operações da Polícia Federal, faz por ignorância. Ou mau caratismo, seria o caso de quem nela está diretamente envolvido. Mais trabalhoso é entender que os procedimentos vigentes da esquerda aprofundam essa crise, mas há textos sobre isso e, de minha parte, podem vir até mais. Com informação certeira e um pouquinho de boa vontade, é possível a desconstrução do identitarismo. Muito embora, essa tarefa, por completo, não seja a prioritária (na minha opinião!), haja vistas à calamidade em que o Brasil se encontra.

Se esse texto atingir uma única pessoa e clarificar seus pensamentos, já me dou por satisfeito :) Axé a todos os brasileiros e todas as brasileiras!

Comentários

Cesar Toledo Bom texto ! Os principais setores atingidos foram os exportadores e estratégicos o que por si só deveria ser motivo de suspensão , outro ponto óbvio e destruir o legado de Lula nestas áreas os campeões nacionais e investimentos em áreas estratégicas , ...Ver mais

Ernesto Kramer arrasou com esse txt. estão conseguindo no brasil, sem disparar um tiro, o que estão fazendo no oriente médio com custosas guerras. mesmo objetivo, procedimento diferente. é guerra sim, estamos sendo atacados por poderosa potência estrangeira. e temos multidão de traíras vendepátria nas fileiras,